

Antes o mundo não existia

MITOLOGIA
DESANA-KEHIRIPORÁ

NARRADA POR
UMUSĪ PARŌKUMU (FIRMIANO ARANTES LANA)
E TŌRĀMĒ KEHIRI (LUIZ GOMES LANA)



Página anterior: desenho de Luiz Gomes Lana, TōrāmĒ
Kehiri, destinado a ilustração do artigo *Chuvvas e conste-
lações: calendário econômico Desana* escrito por Luiz Lana
e Berta Gomes Ribeiro, publicado na revista *Ciência Hoje*,
v. 6, nº 36, em 1987.

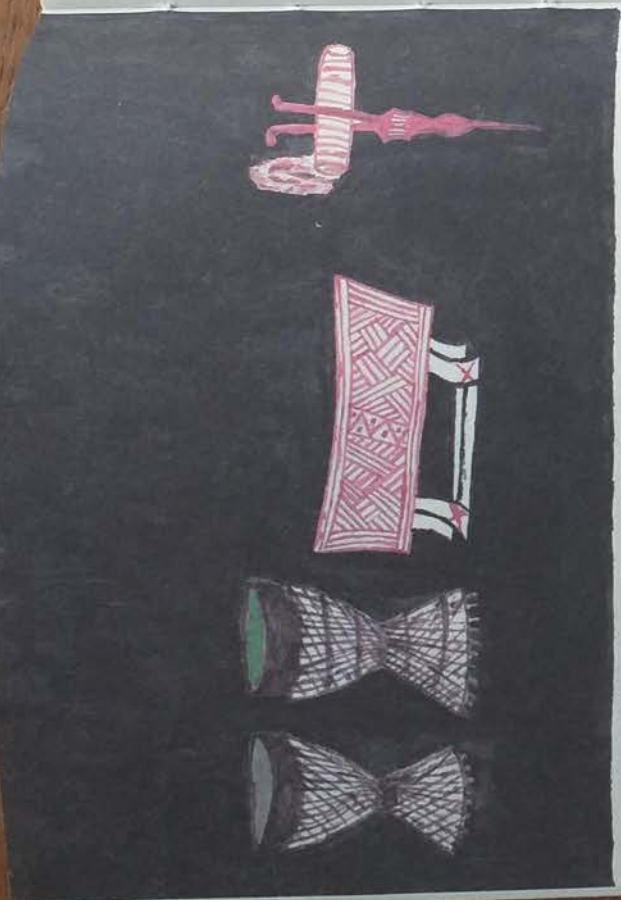
Origem do mundo e da humanidade



Primeira parte:
ORIGEM DO MUNDO

Antes o mundo não existia. A escuridão cobria tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio da escuridão. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como que um quarto. Esse quarto chama-se *Uk-táboho taribu*, o "Quarto de Quartzo Branco". Ela se chamava *Yebá Baró*, a "Avó do Mundo", ou também "Avó da Terra".



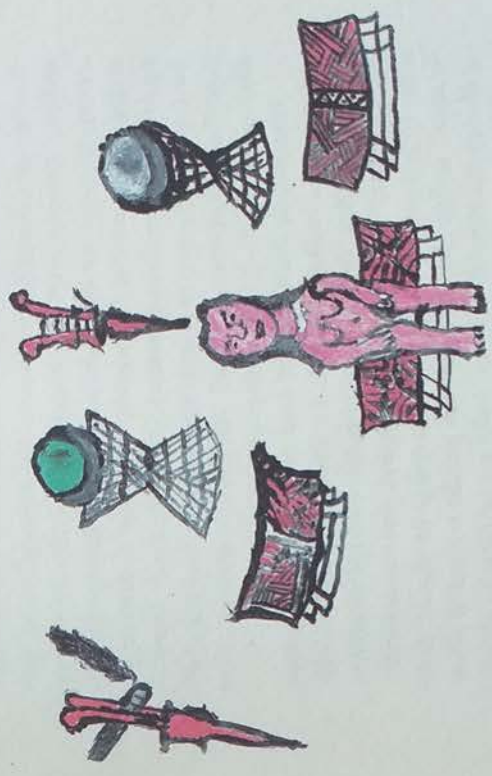


COMO ELA APARECEU

Havia coisas misteriosas para ela criar-se por si mesma. Havia seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro de tabaco, uma cuia de ipadu¹, o suporte desta cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte desta cuia. Sobre essas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso, ela se chama a "Não Criada".

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu Quarto de Quartzo Branco, ela comeu ipadu, fumou tabaco e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.

1. Ipadu = coca, em Língua Geral. *Akpĩ* em desana. Arbusto (*Erythroxylum coca* var. *ipadu*) cujas folhas são tostadas e socadas em pilão especial (*akpĩdearinu*). São misturadas às cinzas de uma espécie de embaúba (*akpĩmoa* "sal de ipadu"). O pó é mascado e engolido.



A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse uma esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de pico. Isso aconteceu com o seu pensamento. A esfera, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. A esfera era o mundo. Não havia ainda luz. Só no quarto dela, no Quarto de Quartzo Branco, havia luz. Tendo feito isto, ela chamou a esfera de *θῆκοκω wí* "Maloca do Universo". Ela o denominou como se fosse uma grande maloca. Este é o nome que ainda hoje é o mais mencionado nas cerimônias.

Depois ela pensou em colocar pessoas nessa grande Maloca do Universo. Voltou a mascar ipadu e a fumar tabaco. Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje. Ela tirou então o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens, os "Avós do Mundo" (*θῆκοκοῆηκῦsumá*). Eles eram Trovões. Esses Trovões eram chamados em conjunto *θῆτῆβοβοηωεριμαησᾶ*, quer dizer, os "Homens de Quartzo Branco", porque eles são eternos, eles não são como nós. Isso ela fez no Quarto de Quartzo Branco, no lugar onde apareceu. Em seguida, ela saudou os homens por ela criados, chamando-os *θῆκοκοςυρᾶ*, isto é, "Irmãos do Mundo". Isto é, saudou-os como se fossem os seus irmãos. Eles responderam, chamando-a *θῆκοκοςυρᾶῆηκῶ*, "Tataravó do Mundo", quer dizer que ela era avó de todo ser que existe no mundo.

Feito isso, ela deu a cada um deles um quarto nessa grande maloca que é a Maloca do Mundo. Os Trovões eram cinco. Nós os chamamos "Avós do Mundo". O primeiro, como primogênito, recebeu o quarto de chefe. O segundo recebeu o quarto da direita, acima do primeiro. O terceiro recebeu o quarto no alto do "jirau do jabuti", no lugar onde se costumava guardar o casco de jabuti tocado nos dias especiais de dança. Assim era também na Maloca do Mundo. O quarto Trovão recebeu o quarto da esquerda, acima

do primeiro e em frente ao segundo quarto. Por fim, o quinto recebeu o quarto bem na entrada, perto da porta, onde dormem os hóspedes.

Como disse antes, o mundo terminava em forma de pico. Na ponta do pico, havia um sexto quarto onde estava um morengo enorme que se parecia com um grande gavião. O lugar onde ele estava chama-se "Fumil do Alto" (*θῆκωσυδωρο*), quer dizer, o "Fim (os confins) do Mundo".

Cada um recebeu assim o seu quarto nessa grande Maloca do Mundo. Esses mesmos quartos tornaram-se malocas, que se chamam *θῆκοκω wíri* "Malocas do Mundo". Cada Trovão ficou morando em sua própria maloca. Ainda não havia luz no mundo: Só nessas malocas havia luz, do mesmo modo como na maloca de *Yebá Bãró*. No resto do mundo tudo era ainda escuridão.

Segunda parte:
ORIGEM DA HUMANIDADE

COMO FIZERAM A HUMANIDADE

Yeá Beró disse aos Trovões:

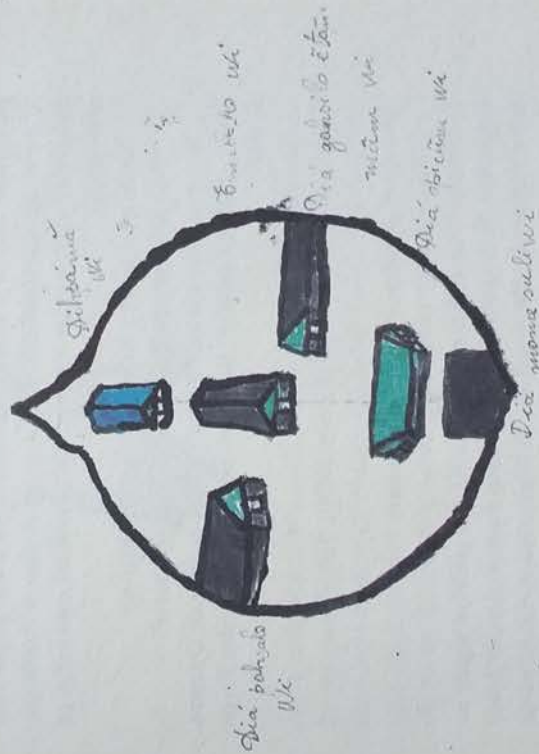
"Gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade". Eles responderam que assim o fariam. Mas nada fizeram! Cada qual ficou na sua própria maloca e nem se lembraram do que a Avó do Mundo lhes havia pedido.

As malocas dos cinco Trovões tinham nomes. A do primeiro chama-se Diá apikūm wi "Maloca de Leite" e fica no sul. A do segundo chama-se Diá gahsilo étáun mūm wi "Maloca da Cachoeira da Casca" e fica no leste, em Tunui cachoeira, no Rio Içana. A maloca do terceiro chama-se Umusī wi "Maloca de Cima" e fica no alto. Esta é a que tinha as riquezas: diversos adornos usados nas danças rituais. Todas estas coisas eram especiais, espirituais. Tudo isto viria a formar a futura humanidade. Foi ao terceiro Trovão que a Avó do Mundo deu todas essas riquezas, assim como o poder de guardá-las. A maloca do quarto Trovão chama-se Diá pshsilo wi² e fica no oeste, no Rio Apaporis, na Colômbia. A maloca do quinto chama-se Diá dīhāpāmā wi "Maloca da Cabeceira" e fica no norte. O Trovão desta maloca era o último e se chamava Abepōwehku "Anta do Brinco do Sol". Ele brilhava por si mesmo.

O mundo estava ainda escuro. Vendo que não cumpriram as suas ordens, a Avó do Mundo disse:

"Eu não mandei vocês ficarem parados! Mandei-os fazerem a luz, os rios e a futura humanidade e vocês não fizeram nada".

2. Palavra intraduzível em português.



Os rios, eles já haviam criado. Só lhes faltava fazer a luz e a futura humanidade. Ouvindo isto, os Trovões resolveram criar a futura humanidade. Realizaram então um grande *dábucuri*³ das frutas da palmeira miriti⁴ com a participação de Yebá Bwó. Isto aconteceu na Maloca de Leite. A Avó do Mundo, vendo o que eles iam fazer, veio para guiá-los. Mas a bebida servida, o *caapi*⁵, era forte demais e, mesmo com a ajuda de Yebá Bwó, os Trovões não conseguiram criar a futura humanidade. Um deles saiu da maloca para tentar. Mas ele já estava tonto pela bebida e não podia mais aguentar. Ele saiu vomitando pelo oeste. Aí mesmo, o Trovão endureceu e transformou-se numa grande montanha com todos os seus enfeites.

Vendo que não dava certo, a Avó do Mundo disse:

"Esses não têm jeito mesmo, eles não sabem fazer".

E voltou outra vez para o lugar dela, na Maloca de Quartzo Branco, também chamada *Diá momesuti wi*, "Maloca dos Favos de Mel".

COMO APARECEU UM OUTRO SER

Voltando ao seu lugar, a Avó do Mundo disse:

"Não está dando resultado".

Pensou então em criar um outro ser que pudesse seguir as suas ordens. Tomou ipadu, fumou tabaco e pensou como deveria ser. Enquanto estava pensando, da fumaça mesmo formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar, nem ver. Yebá Bwó pegou então o seu pari de defesa

3. *Dábucuri*: uma oferta de alimentos.

4. *Buruti* (*Mauritia flexuosa* Mart.).

5. Bebida alucinógena preparada a partir do cipó *Banisteriopsis* sp., plantado antigamente nas roças. O cipó era socado num pilão próprio (*gápi-pá-rô-rô*) e o pó resultante, dissolvido na água, era coado numa *cumatá* (peneira de crivo fino) chamada em desana *siruriye* e servido num pote ou *camuti* (*gápi-isoro*).



(*wereimikaru*) e nele o envolveu. Ela estava agindo como as mulheres quando dão à luz. Depois de tê-lo pego com o seu pari, ela o saudou, dizendo *θηκκοςουράραναμι* "Bisneto do Mundo", ao qual ele respondeu *θηκκοςουράνεηκό* "Tataravó do Mundo". Isto ela fez no Quarto de Quartzo Branco.

O nome dele era Yebá *Ḡōāmā*, quer dizer o "deus da Terra (ou do Mundo)". Este, que foi criado por Yebá Bwó no Quarto de Quartzo Branco, não tinha corpo. Era espírito. A Avó do Mundo disse-lhe:

"Eu mandei os Trovões do Mundo fazerem as camadas da terra, fazerem a futura humanidade, mas eles não souberam fazê-lo. Faça-o você. Eu hei de guiá-lo".

Ele respondeu que iria fazer. Aceitou a ordem da Yebá Bwó. De lá mesmo, do Quarto de Quartzo Branco, onde havia aparecido, ele levantou o seu bastão cerimonial, que se chama em desana *yewāīgōā* "osso de pajé", e fez subir até o cume do Pico do Mundo. Era a força dele que subia. Ali, ele parou.

A CRIAÇÃO DO SOL

A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava erguido, cumpriu a sua palavra de guiar o seu bisneto. Ela enfeitou a ponta do bastão com penas amarradas, enfeites próprios deste bastão, masculinos e femininos, e esse adorno ficou brilhando com diversas cores: branco, azul, verde, amarelo. Enfeitou-o ainda com um tipo de brincos ou pingentes, de feição masculina e feminina. Ela fez isso no cume da Pico do Mundo. Com esses enfeites, a ponta do bastão ficou brilhando. Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era Abe, o Sol, que acabava de ser criado. Assim apareceu o Sol. O Sol gira por si mesmo. Na astronomia dos Antigos estes já sabiam que o Sol girava por si mesmo. Isso é a criação do Sol. Feito isso, Yebá Bwó cobriu o Sol com um tapume de penugem de arara (*mihãwecyukshu*).

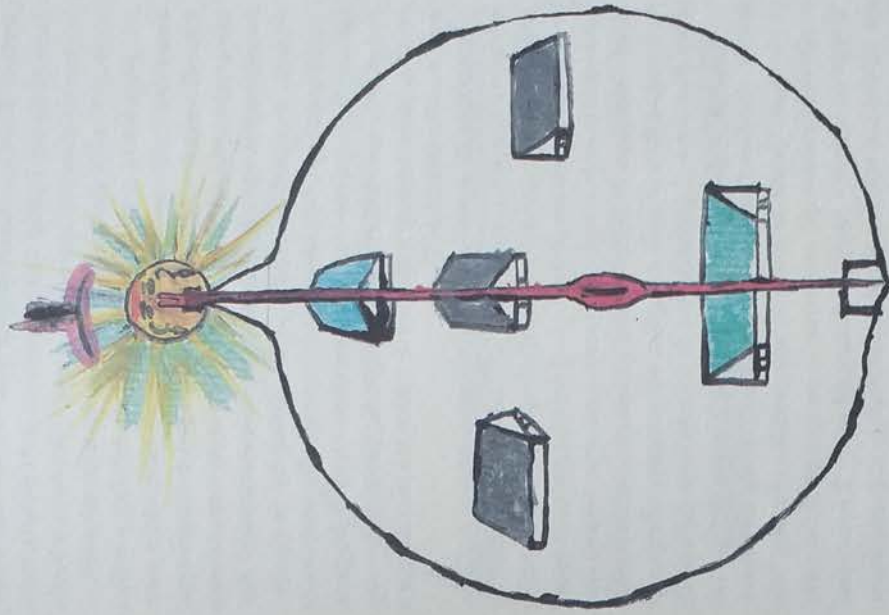
A CRIAÇÃO DA TERRA

Vendo o trabalho do Bisneto do Mundo, os Trovões ficaram enciumados, comentando entre si:

"Nós que somos Homens de Quartzo Branco, nós que fomos os primeiros a ser criados, não conseguimos fazer isto! Como é que esse aparecido, esse espírito que não tem corpo, como é que ele consegue fazer isto? Faremos de sorte que ele não conseguirá!"

Por inveja, queriam destruir o trabalho dele. Só *thmukoñehkã* não teve inveja do trabalho do Bisneto do Mundo, isto é, o terceiro Trovão. Amansou então os seus irmãos com o alimento deles, que era ipadu e tabaco. Somente disso é que eles viviam! Comendo ipadu, fumando tabaco, eles se amansaram, não ficaram mais com inveja e não incomodaram mais o trabalho do Bisneto do Mundo.

Esse bastão não era como o de nossos dias: ele era especial.

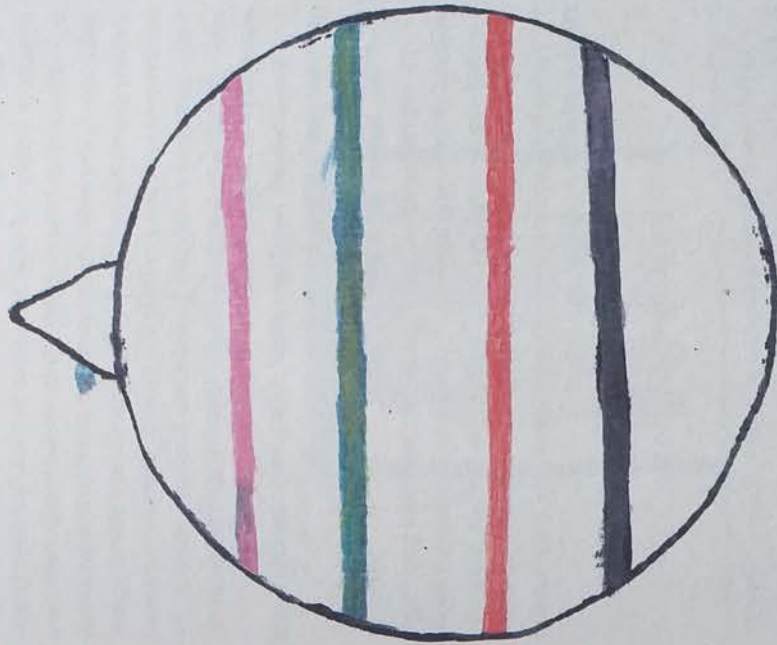


invisível. Todas, as coisas nessa época eram invisíveis: a gente não podia vê-las nem tocá-las. Desde o princípio dessa história, todos os materiais eram invisíveis: o ipadu, o cigarro de tabaco, o bastão cerimonial e todas as outras coisas que eu citei eram invisíveis.

Nesse bastão, chamado "osso de pajé", ele subiu até a maloca do terceiro Trovão. Antes de subir, porém, ele criou vários paris: o pari de urucu de miriti (*nemohsãimikaru*), o pari de frutas pequenas de miriti (*nemohãrĩimikaru*), o pari de miriti meio amarelo (*nebohaimikaru*), o pari de talos de caraná (*ñapũthhaimikaru*). Sus-tentando-se em cima desses paris que ele criara, subiu no espaço.

Enquanto isso, *Yebá Bwaró* tirou do seio esquerdo sementes de tabaco, grãosinhos minúsculos, e os espalhou em cima dos paris. Depois tirou leite, também do seio esquerdo, que ela derramou por cima dessas esteiras. A semente de tabaco era para formar a terra, e o leite, para adubá-la.

O Bisneto do Mundo estava subindo para a Maloca de Cima, cortando e dividindo o espaço em várias camadas. O mundo foi assim dividido em camadas (ou graus) sobrepostos, como o ninho da caba está dividido em vários níveis. O Sol feito por ele já estava iluminando todas essas camadas. Ele estava em cima, bem no alto. Se ele estivesse perto de nós, ele nos queimaria a todos! Portanto, o mundo ficou dividido em graus, em camadas sobrepostas como disse antes. O quarto da Avó do Mundo ficou de baixo de todos esses graus: é o primeiro quarto ou "Quarto de Quarto Branco" (*thãbohohotaribu*). O segundo quarto, acima do primeiro, chama-se "Quarto de Pedras Velhas" (*thãbuhutaribu*). Não se sabe exatamente o que nele existe. O terceiro nível chama-se "Quarto de Tabatinga Amarela" (*Bahsibohohotaribu*). É nesse nível que vivemos nós, assim como toda a humanidade. O quarto andar chama-se "Andar dos Brincos do Sol" (*Abepōtaribu*). É este grau que os Antigos chamavam "Nível dos Santos" ou, ainda, "Nível dos Espíritos". Isso é a história dos Antigos. Acima desse nível está a Maloca de Cima, a do terceiro Trovão. Este é o guardião dos enfeites de penas e dos diversos adornos que os Antigos usavam





O Trovão respondeu:

"Muito bem, meu Bisneto! Eu tenho aqui as riquezas que você quer!"

Dito isto, desceu ao seu quarto, pegou um pari usado como defesa do quarto de chefe e voltou para perto do Bisneto do Mundo. Estendeu então o pari no chão e, com a mão, apertou a sua barriga. Saíram-lhe então pela boca diversas riquezas, que caíram sobre o pari. Eram acangataras e outros enfeites de penas, colares com pedra de quartzo, colares de dentes de onça, placas peitorais, forquilhas para segurar o cigarro de tabaco. Ele fez isso na vista do Bisneto do Mundo. Quando acabou de despejar tudo, o Trovão disse:

"Eis as riquezas, meu Bisneto! Quando voltar lá, você faça assim mesmo!"

E ensinou-lhe os ritos que deveria realizar.

No mesmo instante, todas as riquezas transformaram-se em gente. Eram homens e mulheres que encheram a maloca do terceiro Trovão. Deram uma volta dentro da maloca e tornaram a transformar-se em riquezas. Essas riquezas viriam a ser a futura humanidade. O Trovão disse então:

"Procedam dessa forma quando forem colocar as Malocas de Transformação para criar a futura humanidade".

E colocou todas as riquezas na mão do Bisneto do Mundo. Na frente da maloca do terceiro Trovão havia um pé de ipadu. O Trovão disse, mostrando-o:

"Aí está um pé de ipadu. Tirem cada um de vocês uma folha nova e engulam-na. Quando sentirem dor de barriga, acendam o seu turí, deixem cair as cinzas do turí dentro de uma cuia de água e, depois, bebam esta água. E tratem de vomitar num só buraco no rio".

Tiraram então a folha de ipadu e a engoliram. Quando começaram a sentir dor de barriga, eles fizeram como lhes fora dito. Ao vomitar, aí mesmo, apareceram duas mulheres. O seu vômito era como um parto e, dele, surgiram as primeiras mulheres. O Bisneto do Mundo disse ao seu irmão *Boreka*:

"Puxe-as para fora da água!"

ḫmukomahsā Boreka pegou então as duas mulheres pela mão e puxou-as para fora da água, chamando-as "minhas filhas!" Levaram-nas para a maloca do Terceiro Trovão para mostrá-las. O Avô do Mundo disse:

"Muito bem! Façam assim!"

Ele viu que fizeram as coisas direito. O terceiro Trovão disse a *ḫmukosurāpanami*:

"Eu também vou com vocês levar as minhas riquezas".

Prometeu ir com eles para ajudar a formar a futura humanidade. Feito isso, o Bisneto do Mundo voltou para o Quarto de Quartzo Branco, onde ele tinha aparecido, com todas as riquezas que havia encontrado no alto e que o terceiro Trovão lhe dera.

Depois ele subiu à superfície da terra para formar a humanidade. Levantou-se num grande lago chamado *Diá ḫpikōdhē-ru*, isto é, "Lago de Leite", que deve ser o Oceano. Enquanto ele vinha subindo, o Terceiro Trovão desceu nesse grande lago na forma de uma jibóia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com

6. *Mḫhpūrīmhi* em desana, madeira *ignigera* (Licania sp.).

a proa de uma canoa. Para eles, parecia uma grande canoa que se chama *Ἐπιπλοῦστος*, isto é, "Canoa da Futura Humanidade" ou "Canoa de Transformação".

Ἐπιπλοῦστος e *Ἐπιπλοῦστος* *Ἰστρον*, o chefe dos Desana, vieram como chefes dessa cobra-canoa. Chegaram à maloca do primeiro Trovão, no Lago de Leite. Entraram e agiram segundo as instruções de *Ἐπιπλοῦστος*. Aí, repetiu-se o que havia acontecido na Maloca de Cima: os enfeites tornaram-se pessoas, que fizeram um desfile. Deram uma volta dentro da maloca e, depois, voltaram a ser enfeites.

Essa Maloca de Leite está na beira de um grande lago que se chama Lago de Leite, ou seja, o lago de onde surgiu a futura humanidade. As malocas da beira do Rio de Leite (*Διά Ἰστρον*) foram colocadas pelo Bisneto do Mundo junto com *Ἰστρον*. Essas malocas chamam-se *Ἐπιπλοῦστος* "Malocas de Transformação".

Na frente desse grande lago, na frente da Maloca de Leite, ao seu lado direito, há uma outra maloca que se chama *Ἐπιπλοῦστος* "Maloca de Paricá". Esta maloca foi feita por *Ἐπιπλοῦστος* *Ἰστρον* ao surgir com seu irmão nesse grande lago. Foi ele que pensou



7. O paricá, em Língua Geral, é uma espécie de rapé extraído da cortiça de uma árvore chamada *gáhsiriwihōgu*, a qual é raspada, cozida e, depois, de decantada, secada ao sol. A essas raspas junta-se o pó vermelho de caraiuru (*guryūā* em desana). Colocado em pequenas cuias ou no oco da noz de tucum, esse pó era cheirado durante as cerimônias dos pajés. No dia em que cheiravam o paricá, os pajés tomavam um caapi especial, chamado *waiqāhpi* "caapi de peixe".



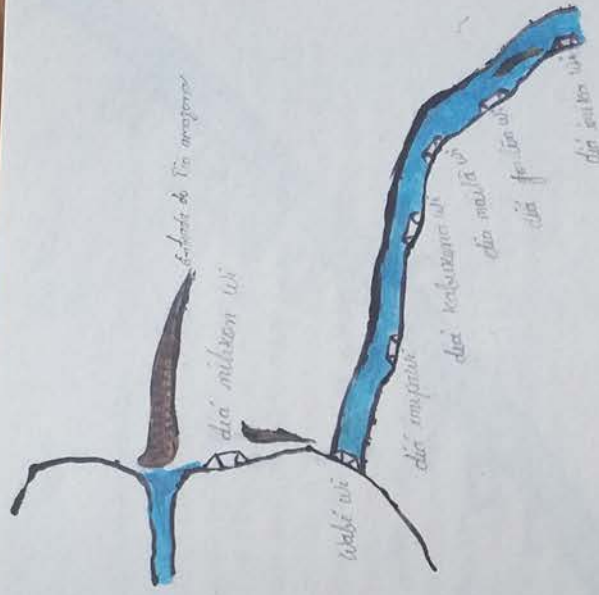
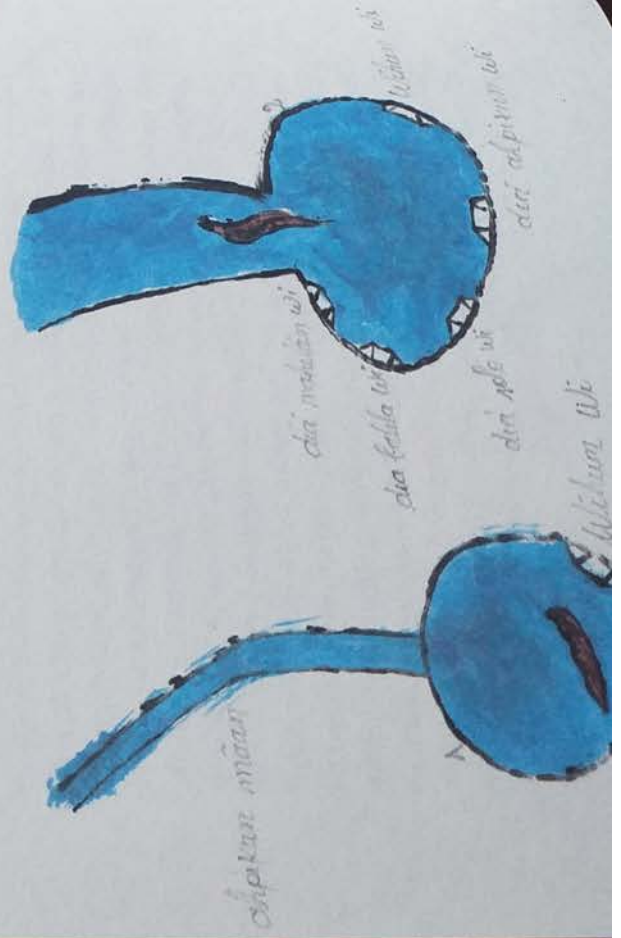
em criar essa grande maloca. Essa maloca é de paricá. *Boreka* ia se tornar um grande pajé, por isso é que ele a criou, mesmo vindo com seu irmão. Por essa razão, a Maloca de Paricá é dele.

Como disse antes, tendo entrado na Maloca de Leite, ele fez como o Avô do Mundo lhe ensinado na Maloca de Cima. Ao sair dessa maloca, o Bisneto do Mundo embarcou de novo com as riquezas na grande Canoa de Transformação. Esta grande Canoa de Transformação era o Terceiro Trovão mesmo, que vinha trazendo as riquezas que viriam a ser a futura humanidade. *Ἐπιπλοῦστος* veio de pé, na proa da Canoa de Transformação, com o seu bastão cerimonial. *Ἐπιπλοῦστος* *Ἰστρον* estava no centro, dentro da Canoa de Transformação. Os dois eram chefes dessa grande Canoa de Transformação, trazendo as riquezas. Eles subiram pelo lado esquerdo do lago criando Malocas de Transformação. Ao chegarem a uma maloca, eles encostavam, saíram da Canoa de Transformação levando as riquezas e faziam as suas cerimônias. E, em cada maloca, acontecia a mesma coisa: as riquezas transformavam-se em pessoas, com corpo humano, e estavam crescendo.

As primeiras malocas estão na beira do Lago de Leite, em cima da Maloca de Leite. As outras malocas estão localizadas no grande rio que é o Rio de Leite (Ahpikun māan), outras estão nas costas do Brasil, no Rio Amazonas, no Rio Negro, no Rio Uaupés e, por fim, no Rio Tiquié. De um certo ponto, baixaram outra vez, e continuaram subindo pelo Rio Uaupés até a saída por terra em Ipanoré.

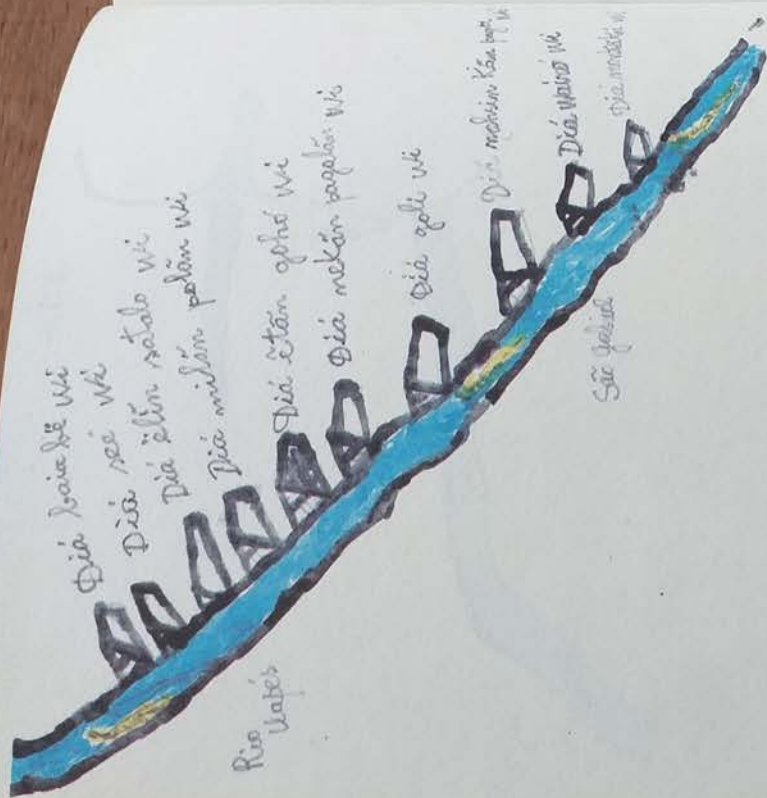
Subindo acima da Maloca de Leite, a Canoa de Transformação chegou à maloca que se chama Diá soto wi "Maloca do Redemoinho". Aí, ela encostou e os dois fizeram uma cerimônia com as riquezas. Esta maloca foi criada por ʔm̄k̄om̄ah̄sur̄apan̄ami e por ʔm̄k̄om̄ah̄s̄ū boreka. Subindo acima dessa maloca, eles colocaram uma maloca que se chama Diá batita wi "Maloca dos que Engatinham". A futura humanidade tornava-se gente e crescia maloca por maloca, assim como a criancinha cresce ano por ano. Assim mesmo acontecia com eles.

A Canoa de Transformação vinha debaixo da água, como submarino. As malocas também estão debaixo das águas. Tanto é que a humanidade veio como Waimahsá "Gente de Peixe". Chamamos



hoje em dia Waimahsá aqueles que ficaram nessas malocas. Subindo do mais acima, colocaram a maloca que se chama Diá mahitan wi "Maloca de Olhar Para Trás". Aí, fizeram cerimônias, como de costume. Essas quatro malocas estão na beira do Lago de Leite, no seu lado esquerdo. Daí subiram o Rio de Leite e chegaram à maloca que se chama Diá tauwi "Maloca da Barragem". Daí subiram e chegaram à 6ª maloca Diá imika wi "Maloca dos Paris". Daí subiram e chegaram à 7ª maloca Diá gōtē wi "Maloca de Caju". Daí subiram e chegaram à 8ª maloca Diá māitā wi. Daí subiram e chegaram à 9ª maloca Diá kabukēnā wi "Maloca do Borbulho na Água". Daí subiram e chegaram à 10ª maloca Diá imipawī "Maloca de Areia". Daí subiram e chegaram à 11ª maloca Diá wabé wi "Maloca dos Escudos". Os velhos contam que essa maloca está na costa do Brasil. Daí subiram e chegaram à 12ª maloca Diá nihkon wi "Maloca da Terra". Também ela está na costa do Brasil.

Continuando a subir, entram no Rio Amazonas. Chegaram



à 13ª maloca Diá pintun wí "Maloca da Cobra". Os velhos dizem que esta maloca se encontra onde está hoje Manaus. Daí entram no Rio Negro e chegam à 14ª maloca chamada Diá botela wí "Maloca de Branqueamento". Daí subiram e chegam à 15ª maloca Diá baracelu wí "Maloca de Baracelu", isto é, Barcelos. Daí subiram e chegam à 16ª maloca Diá milân ponlân wí "Maloca das Flautas Sagradas". Daí subiram e chegam à 17ª maloca Diá dadi wí "Maloca das Frutas Uira-pixuna". Daí, subiram e chegam à 18ª maloca Diá máinwá wí. Daí subiram e chegam na 19ª, que se chama Diá behka wí "Maloca dos Tapurus". Os velhos contam que esta maloca é Tapuruquara. Daí subiram e chegam na 20ª maloca Diá borpitá wí⁸.

8. Palavra intraduzível em português.

9. Palavra intraduzível em português.

Daí subiram e chegaram à 21ª maloca Diá monkákú wí "Maloca do Sêmen". Daí subiram e chegaram à 22ª maloca Diá wairó wí "Maloca do Cacuri". Daí subiram e chegaram à 23ª maloca Diá náksin kân papô wí "Maloca do Grande Camarão". Estas malocas nº 21, 22 e 23 estão em São Gabriel da Cachoeira. Daí vieram subindo e chegaram à 24ª maloca Diá goti wí "Maloca das Flores". É a atual Ilha das Flores, no Rio Negro. Daí vieram subindo e chegaram na 25ª maloca chamada Diá nekân pagátân wí "Maloca das Grandes Estrelas". Daí subiram e chegaram à 26ª maloca Diá étân gophó wí "Maloca dos Desenhos Rupestres". Situa-se em Itapinima, já no Rio Uaupés. Daí subiram e chegaram à 27ª maloca chamada Diá milân potân wí "Maloca das Flautas Sagradas". Daí subiram e chegaram à 28ª maloca Diá élin satáto wí "Maloca da Muda de Pupunha". Daí subiram e chegaram à 29ª maloca Diá seé wí "Maloca dos Bancos".



A humanidade já estava formada. Vimos que ela passou por muitas malocas, entrando nelas, transformando-se. Por isso, ela já estava grande.

A Canoa de Transformação continuou a subir e chegaram na 30ª maloca, chamada Diá bata be wí "Maloca dos Cantos". Esta maloca é a principal. Antes de chegar a esta maloca, Urukosurāpanami disse:

"A humanidade já está formada. Encontramos-nos na metade da viagem e é tempo de fazê-la falar".

O NASCIMENTO DE GAHPIMĀHSŪ E A ORIGEM DAS LÍNGUAS

Urukosurāpanami *Boreka* já havia ultrapassado a Maloca dos Cantos. O Bisneto do Mundo chegou depois dele. Para se comunicar com ele, mandou o seu bastão invisível que tem o nome de "osso de pajé". O bastão atravessou pelo rio, na frente de *Boreka*. Vendo-o, este baixou para participar da grande cerimônia que o Bisneto do Mundo ia fazer para dar a cada um a sua própria língua: Desana, Tukano, Pira-tapuyo, Tuyuka, Siriano, Barasano, Baniwa, Brancos. Cada um ia receber uma língua própria.

Nessa mesma maloca é que apareceu um ser misterioso chamado GAHPIMĀHSŪ , o Filho do Caapi. Quando *Umukosurāpanami* chegou à Maloca dos Cantos, juntamente com o seu irmão *Boreka*, fizeram um rito com cigarro de tabaco e *ipadu* para as duas primeiras mulheres que o Terceiro Trovão criou com o vômito deles. Uma delas mascou o *ipadu* e a outra fumou o tabaco. Aquela que fumou o tabaco deu à luz GAHPIMĀHSŪ . A que mascou *ipadu* deu à luz as araras, japus e as outras aves que têm penas coloridas. Assim todos poderiam ter bonitos enfeites de penas.

A primeira mulher, a que fumou o tabaco, teve o filho no dia em que Urukosurāpanami distribuiu as línguas às várias tribos. Ao sentir as dores do parto, suas pernas tremeram. Seu tremor



passou às pernas dos homens que se encontravam na Maloca dos Cantos. A seguir, sentiu o arrepio do parto e este atingiu a humanidade que estava naquela maloca. Para esquentar-se, ateou o fogo. Esse calor foi igualmente transmitido a eles. Colocou no chão, onde ia receber a criança, trançados de arumã¹⁰ de diversos desenhos. Tais foram: *bowhokoregahsiro* "esteira de arumã de fartura", *moãweheruwhokoregahsiro* "esteira de arumã de *moãweheru*¹¹", *õsuwhokoregahsiro* "esteira de arumã do sapo mandiocá", *dehkokoregahsiro* "esteira de arumã de massa de por fim", *pirowhokoregahsiro* "esteira de arumã de cobra".

A visão da multiplicidade das cores desses trançados penetrou nos olhos da humanidade que se encontrava na Maloca dos Cantos. Enquanto tomavam caapi, o *baya* ou mestre dos cantos, o *kumu*, sábio ou rezador, e os dançadores viam os desenhos dos trançados das esteiras que apareceram quando *bachpimahsũ* nasceu. O *kumu* recitava um por um os nomes dos desenhos para que fossem lembrados. Tais eram: *arũgohsori* "quartos de beijos", *wah̄tiyãduhkupu* "joelho do diabo", *biãñahkõrĩ* "cabinho de pimenta", *bianh̄tãrĩ* "semente de pimenta", *pikaru* (losango, sem tradução), *wah̄sũdãh̄parĩ* "galhos da árvore *wah̄sũ*¹²".

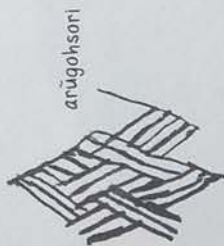
Antes de *bachpimahsũ* nascer, a mãe perdeu sangue. O verme-lho desse sangue impregnou os olhos da humanidade. Ao nascer a criança, ela cortou o seu cordão umbilical. Na visão dos homens, o cordão umbilical apareceu como pequenas cobras. Depois, a mãe foi lavar o filho, que estremeceu de frio. Esse tremor também alcançou os homens. A seguir, pintou o rosto de *bachpimahsũ* com a tinta vermelha extraída do caraiuru¹³, e também com tabatinga branca, vermelha e amarela. Na visão dos homens apareceram as cores da pintura de rosto da criança.

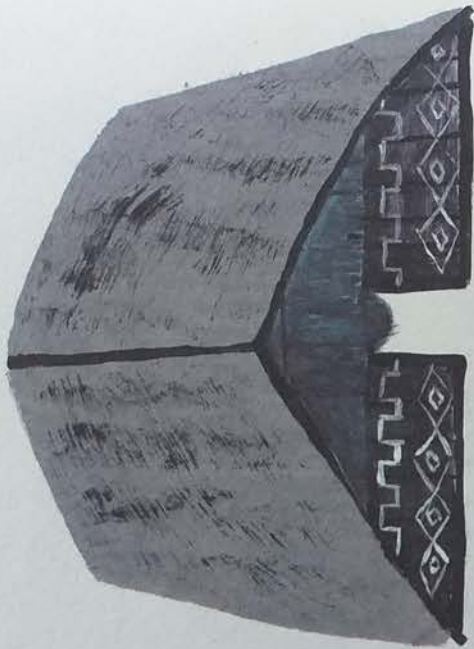
10. *Wah̄h̄* em desana (*Ischnosiphon ovatus* Kecke).

11. Não identificado.

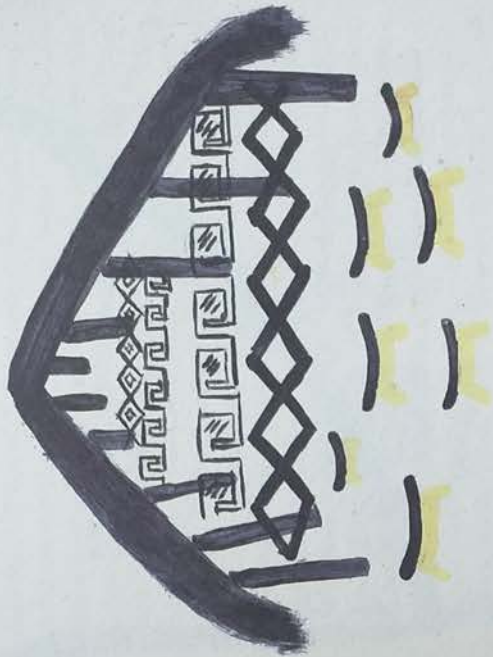
12. Fruta de uma árvore que parece seringueira da terra firme.

13. *Bũrũyã* (*Bignonia* chica Verlot).



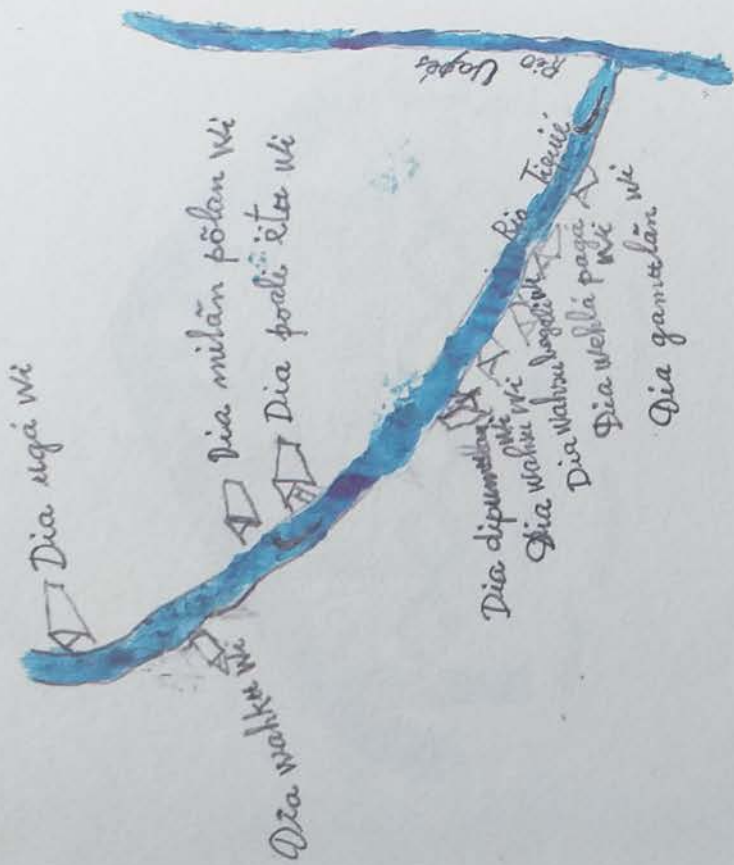


Ao cabo disso, ela levou o seu filho para a maloca onde se encontrava a humanidade, isto é, a Maloca dos Cantos. Quando *Ḅáhpimáhsū* entrou, as visões eram tantas que ninguém enxergava mais nada. Não podiam reconhecer-se uns aos outros. Neste preciso momento, *Ḅm̄kosurápanami*, que era o representante dos Tukano, chamou pela primeira vez *Ḅm̄kosomáhsū Boreka* de "meoká", isto é, "primo-cunhado", embora fossem irmãos. E estabeleceu a lei de que Desana podia casar com Tukano e Tukano com Desana. Isto é, uma pessoa podia casar com os filhos da tia, irmã do pai, que, por sua vez, só podia ter filhos com homem de outra tribo, e esses pertenciam a esta última. Ou então, com um filho da tia materna, ou seja, irmã de sua mãe, que, sendo casada com homem de outra tribo, os filhos seriam desta.



Quando *Ḅm̄kosomáhsū Boreka* vinha subindo na Canoa de Transformação, escolheu os Siriano para serem seus primos-cunhados. Mas Wauro, o chefe dos Tukano, que, como veremos, tomou o lugar de *Ḅm̄kosurápanami* como seu representante na terra, confundiu as línguas, tornando siriano parecido com desana. Chamou os Siriano de "primos-cunhados" para que os Tukano pudessem casar-se com suas mulheres. Mas a gente de *Boreka*, os *Ḅm̄kosomáhsū*, isto é, "Gente do Universo", também pôde casar-se com mulheres Siriano porque *Boreka* os havia chamado de primos-cunhados.

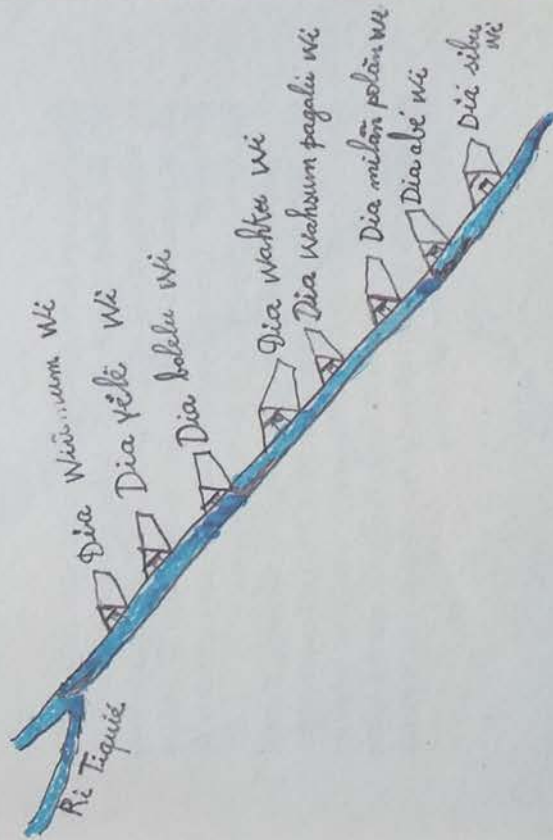
Como vimos, na Maloca dos Cantos toda a humanidade ficou sob os efeitos do caapi, tendo visões. Ninguém entendia nada, devido a essa multiplicidade de visões. Por isso, cada qual começou a falar uma língua diferente. Feito isto, eles continuaram



a viajar Rio Uaupés acima. Chegaram assim na 31ª maloca Diá sibu wi "Maloca da Urupema"¹⁴. Mais adiante, chegaram na 32ª maloca Diá abe wi "Maloca da Lua". Daí subiram e chegaram na 33ª maloca Diá milân pôlân wi "Maloca das Flautas Sagradas". Daí prosseguiram até a 34ª maloca Diá wahsûn pagatu wi "Maloca da Fruta Grande Wahsû". Daí vieram subindo até a 35ª maloca Diá wahku wi "Maloca do Bastão de Ritmo". Subindo chegaram à 36ª maloca Diá botelu wi "Maloca da Tabatinga Amarela". Daí subiram e chegaram até a 37ª maloca Diá yêlê wi "Maloca dos Desenhos Fechados". Daí subiram e chegaram até a 38ª maloca Diá wiûmun wi "Maloca de Paricá".

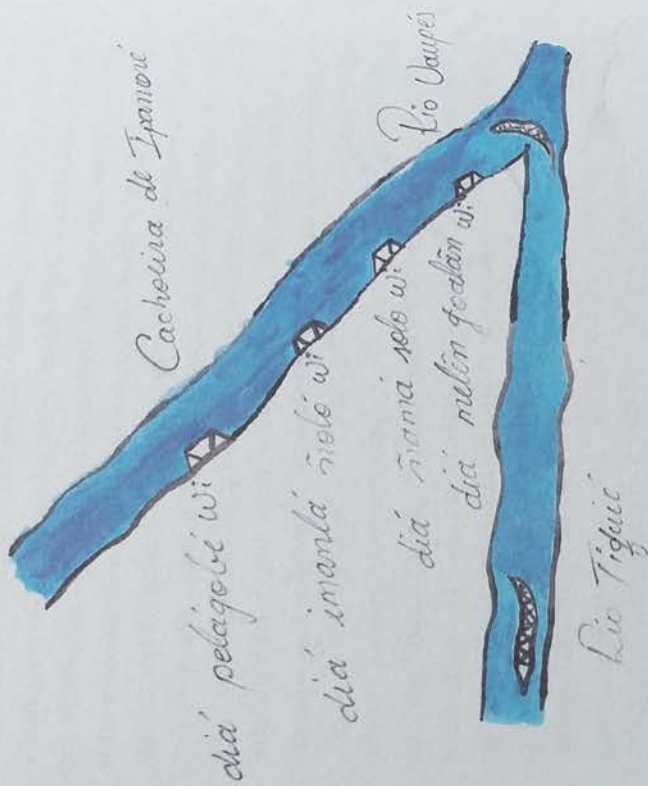
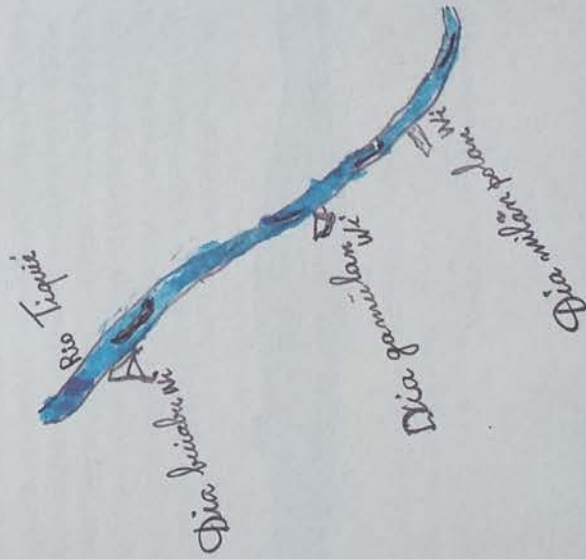
14. Urupema, em Língua Geral, é uma peneira de crivo aberto.

A humanidade, dentro da Canoa de Transformação, entrou no Rio Tiquié e chegou na 39ª maloca, chamada Diá gamiâlâ wi "Maloca dos Gaviões". Subindo mais acima, chegaram à 40ª maloca Diá wehlâ pagâ wi "Maloca da Tapioca Grande". Foi nessa maloca que as primeiras mulheres tiveram a sua primeira menstruação. O Bisneto do Mundo deixou-as nessa maloca, cercando-as com Paris. E somente os homens prosseguiram a viagem. Mais acima, entraram na 41ª maloca Diá wahsu bogati wi "Maloca dos Açoites". Subindo mais adiante, entraram na 42ª maloca Diá wahsu wi "Maloca dos Aventais de Dança de Tururi" e, mais acima, na 43ª maloca Diá dipu mutân wi "Maloca dos Piochos". Subindo mais adiante, entraram na 44ª maloca Diá wahsu bogati wi "Maloca dos Açoites". Daí subiram e chegaram na 45ª maloca Diá poali'êta wi "Maloca da Serra do Cabelo". Daí subiram e chegaram na 46ª maloca Diá milân pôlân wi "Maloca das Flautas Sagradas". Daí subiram e chegaram à 47ª maloca que se chama também Diá milân pôlâ wi "Maloca das Flautas Sagradas". Nesse local, situa-se a povoação Uira-poço, no Rio Tiquié. Prosseguindo, chegaram à 48ª maloca Diá wahku wi "Maloca do Bastão de Ritmo". Subindo mais adiante, entraram na 49ª maloca Diá uga wi "Maloca dos Adornos de Nuca".



A Canoa de Transformação baixou outra vez e, com ela, foram os Tukano, os Desana e mais outras tribos. Baixaram até a Maloca da Tapioca Grande (40°), onde o Bisneto do Mundo tinha deixado as mulheres. A Canoa de Transformação encostou e subiu de novo com elas até a Maloca dos Píolhos (43°), onde ele cortou os cabelos delas. Por isso, temos este costume de cortar os cabelos da mulher quando esta tem a primeira menstruação. Porque também os cabelos dessas mulheres eram brancos; E a Canoa continuou subindo até a Maloca da Serra do Cabelo (45°), onde o "Bisneto do Mundo" deu para a humanidade outros cabelos, de cor preta, como são os nossos. Aqui acaba a viagem pelo Rio Tiquié.

Recomeçando a subir o Rio Uaupés, eles chegaram e entraram na 53ª maloca, que se chama Diá metên gôlân wí "Maloca da Formiga de Ingá", onde fica atualmente a Missão de Taracúá. Daí chegaram à 54ª maloca Diá ñamã soto wí "Maloca das Raízes de Veado". Subiram mais adiante e entraram na 55ª maloca, que se chama Diá imantá ñoló wí "Maloca da Ponta das Larvas de Borboleta".



Depois entraram na 50ª maloca chamada Diá milân pólân wí "Maloca das Flautas Sagradas". Subindo mais acima, entraram na 51ª maloca Diá gamulá wí, "Maloca dos Gaviões". Subindo mais adiante, entraram na 52ª maloca chamada Diá buyabu wí "Maloca dos Enfeites". Conta-se que esta maloca está nas cachoeiras de Pari. Até aqui chegou a Canoa de Transformação.

᠘ᠠᠨᠠᠵᠤᠷᠠᠨᠠᠮᠢ deixou neste lugar os Barasana, Kavirã, Yepámahã, Micura e várias outras tribos. Essas tribos prosseguiram a viagem sozinhas, colocando as suas malocas ao longo do rio. Elas saíram por terra na Cachoeira Comprida, que fica acima da Cachoeira de Pari. Da Maloca dos Enfeites para cima, somente elas conhecem o nome das malocas.



COMO SAIRAM PARA A SUPERFÍCIE DA TERRA

Dai chegaram à 56ª maloca Diá pelágobé w¹⁵. Esta maloca está na grande Cachoeira de Ipanoré. Ai, pisaram na terra pela primeira vez, porque antes eles vinham debaixo da água com a Canoa de Transformação. O Bisneto do Mundo ia dividindo-os à medida que estavam saindo para a superfície da terra. Eles saíram por si mesmos. Por isso, na Cachoeira de Ipanoré veem-se os bu-
 racos da sua saída, na laje de pedra. A Canoa de Transformação ficou no fundo da água, não veio à tona. Somente eles é que saíram à superfície da terra.



15. Palavra intraduzível em português.

Cada um saiu acompanhado de sua mulher. Colocaram-se em filas, na terra. O primeiro a sair foi o chefe dos Tukano, que se chama Doet'hiro, sendo mais conhecido como Wauro. Ele é o chefe de todos os Tukano. Ele era como o Deus da Terra. O Deus da Terra, ou Bisneto do Mundo, gerou Doet'hiro, que significa "Trafra de Cabeça Chata". O Bisneto do Mundo baixou com a Canoa de Transformação.

Em segundo, saiu Wukomahsũ Boreka , o chefe dos Desana. Foram esses dois que levaram as riquezas que o Bisneto do Mundo tinha pedido ao Avô do Mundo na Maloca de Cima.

Como foi dito no começo, a humanidade estava dentro das riquezas, dentro dos adornos, como a galinha está dentro do ovo. Quando a galinha sai, ela deixa a casca. Pois a mesma coisa aconteceu com eles! Já vimos que a humanidade foi se transformando de maloca em maloca. Sabemos que eles estavam crescendo e que eles saíram de dentro das riquezas, como o pintinho saiu do ovo. Por isso, as riquezas são deles, porque eles cresceram nelas. E é por isto que Wauro e Boreka tomaram para si essas riquezas, chamadas agora Pamĩbũya "Enfeites de Transformação" e depois as distribuíram. Wauro distribuiu as dele para a sua geração, mas nem para todos os Tukano, só para alguns. Sobre isto, somente os Tukano sabem. Wukomahsũ Boreka , o chefe dos Desana, também distribuiu as riquezas que lhe couberam apenas para alguns Desana. Essas riquezas são eternas.

O terceiro a sair para a superfície foi o Pira-tapuyo. O quarto foi o Siriano. O quinto foi o Baniwa. Este saiu com arco e flecha e logo retesou o arco para experimentá-lo. Por isso, esse grupo é conhecido por ser bravo. O sexto a sair foi o Maku.

A todos esses, o Bisneto do Mundo disse:

"Dou-lhes o bem-estar, dou-lhes as riquezas das quais vocês nasceram".

Dizendo isso, ele estava dando-lhes o poder de serem mansos, de fazerem grandes festas com danças, de se reunirem com muita gente, de conviverem bem com todos, isto é, de não fazerem

guerras. Isso tanto é verdade que os nossos Antigos nenhuma vez fizeram guerras, porque o Bisneto do Mundo lhes deu esse poder da na mão. O Bisneto do Mundo disse-lhe:

“Você é o último. Dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como você é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar as riquezas dos outros. Com isso, encontrará dinheiro!”

Quando ele acabou de dizer isto, o primeiro Branco virou as costas, deu um tiro com a espingarda e seguiu para o sul. Ele baixou, entrando nas malocas, por onde ele já havia passado enquanto estava subindo na Canoa de Transformação. Entrou na 21ª maloca, situada em São Gabriel, e aí mesmo fez a guerra. Numa pedra que existe nesse lugar, veem-se figurinhas parecidas com soldados, com capacete e espingarda, todos ajoelhados e dando tiros. Foi assim porque o Bisneto do Mundo deu-lhe o poder de fazer a guerra! Para ele a guerra é como uma festa. Por isso é que os Brancos fazem guerras!

O oitavo a sair foi o Padre com um livro na mão. O Bisneto do Mundo mandou que ele ficasse com o Branco. Os nossos avós sabiam que existia Padre, porque conheciam essa história! Tanto é verdade que os Padres chegaram assim como os Brancos!

Já vimos que saiu da Canoa de Transformação muita gente. Saíram e ficaram conversando uns com os outros, todos contentes. Enquanto isso, ouviram um barulho atrás deles. Era um ser que estava surgindo. Ouvindo o barulho, perguntaram:

“Quem é aquele ali?”

A maior parte disse:

“Wah-ti!” (um espírito do mato).

Por isso, ele recebeu o nome de Wah-ti. Ele existe na mata. Se tivessem dito “é gente que está lá!”, ele teria saído como Maki, um índio do centro do mato!

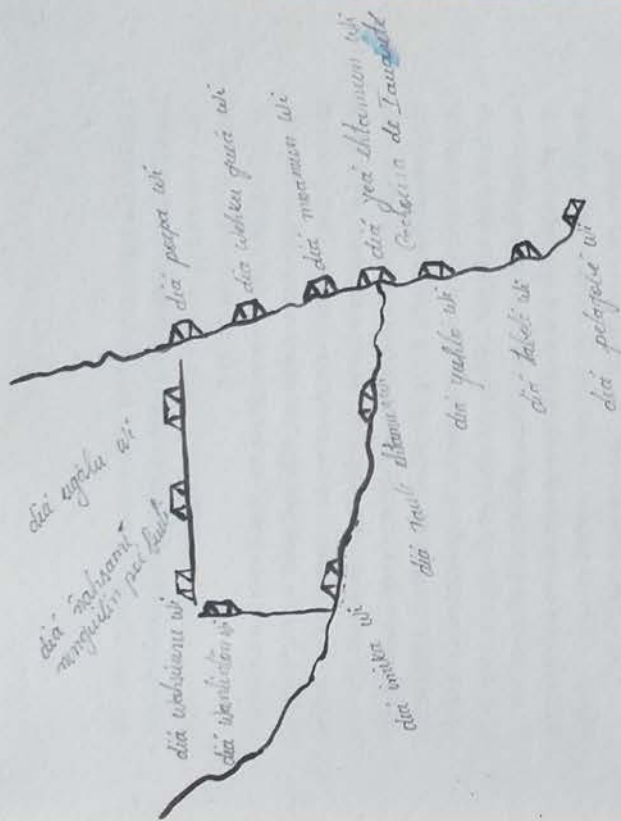
Feito isto, *θμικροσυῆπαναμι* deu-lhes a ordem de continuar a sua viagem. A Canoa de Transformação, que era o terceiro

Trovão, por sua vez, baixou novamente. O Bisneto do Mundo baixou com ela até o Lago de Leite. *θμικροῆηκῆ*, que era o terceiro Trovão, subiu na maloca dele, na Maloca de Cima, e o Bisneto do Mundo também subiu.



Terceira parte: A VIAGEM POR TERRA DOS PAMŪRIMAHSĀ

Os Pamŭrīmahsā, "Gente de Transformação", prosseguiram a sua viagem. Eles não subiram mais de Canoa. Subiram por si mesmos, com sua própria força. Como dissemos antes, o Avô do Mundo mandou Wauro (ou Doethino) representá-lo junto aos Tukano. *ḥmōkōmahsā* Boreka ficou como o chefe dos Desana e prosseguiu a viagem. Por isso, depois da sua saída para a superfície da terra, na Cachoeira de Ipanoré, eles conduziram os Pamŭrīmahsā. Subindo, eles entraram na 57ª maloca chamada Diá *taboté* wi "Maloca do Capim Branco". Depois de saírem dessa maloca, já não faziam tantos rituais como anteriormente. Já eram gente madura, adulta. Ao subir acima dessa maloca, entraram na 58ª maloca, que se chama Diá *yukló* wi "Maloca do Estreitamento". Ao subir acima, chegaram na 59ª maloca Diá *yeá ehtāmun* wi "Maloca da Cachoeira das Onças". Esta maloca está localizada em Iauareté, na frente da boca do Rio Papuri. Ai, eles entraram no Rio Papuri. Subindo-o, eles entraram na 60ª maloca chamada Diá *taute ehtāmun* wi "Maloca da Cachoeira do Anteparo". E prosseguiram a viagem. Subindo, entraram na 61ª maloca Diá *imika* wi "Maloca dos Paris". Esta maloca está em Terezita, na Colômbia. Subindo, eles entraram no Rio Macucu, cuja desembocadura fica acima de Terezita. Subindo esse rio, bem na cabeceira, eles entraram na 62ª maloca, Diá *wānlitón* wi "Maloca do (peixe) Acará". Depois dessa maloca, eles adentraram no mato, colocando novas malocas. Entraram na 63ª maloca, que se chama Diá *wahsūnu* wi "Maloca da (fruta) *wahsū*". Essa maloca fica no meio da mata. Indo mais adiante, eles chegaram na 64ª maloca Diá *ñahsamenín*-*guitín poé buti* wi "Maloca das Capoeiras dos Cabaceiros de Macacás". Eles estavam andando debaixo da terra, porque tinham o poder de fazer isso. Indo mais adiante, entraram na 65ª maloca, Diá *ugatu* wi "Maloca do Adorno de Nuca".



Atravessando pela mata onde ficam essas malocas, eles chegaram de novo no Rio Uaupés. Ai, ingressaram na 66ª maloca, que se chama Diá *poepa* wi "Maloca das Roças". Essa maloca fica na altura da atual povoação de Santa Cruz de Aracapuri, no Rio Uaupés, fronteira com a Colômbia, acima da foz do Rio Querani. Depois dessa maloca, vieram descendo o Rio Uaupés e chegaram na 67ª maloca, que se chama Diá *wēhu geá* wi "Maloca do Jirau de Pesca de Anta". Baixando mais ainda, chegaram na 68ª maloca, chamada Diá *moamum* wi, "Maloca do Caruru" de Cachoeira". Conta-se que essa maloca está na grande Cachoeira de Caruru, acima de Iauareté. Baixando mais ainda, entraram outra vez na 59ª maloca, a "Maloca da Cachoeira das Onças" (Diá *yeá ehtāmun* wi). Passaram de novo nas 58ª e 57ª malocas. Descendo mais abaixo, chegaram à maloca da saída por terra, isto é, em Diá *petagobé* wi, a 56ª maloca. Assim, eles voltaram ao lugar onde pisaram a terra pela primeira vez: a Cachoeira de Ipanoré.

16. Alga que cresce nas cachoeiras, da qual se extrai o sal antigamente.

Esta é a história da criação da humanidade. Porém, essa história é somente o início de muitas outras. Com cerimônias especiais, cada maloca tem um nome e um significado particulares, e assim que falavam os Antigos.

O trabalho de $\theta\mu\kappa\omicron\sigma\upsilon\tilde{\nu}\tilde{\alpha}\rho\alpha\tilde{\nu}\alpha\mu\iota$ não durou para sempre. Houve três grandes cataclismos: dois incêndios e uma enchente. $\theta\mu\kappa\omicron\theta\epsilon\eta\kappa\tilde{\alpha}$ teve que renovar, repetidas vezes, o seu trabalho. Sumiram três grupos da humanidade! O quarto grupo, o que existe atualmente, somos nós. Antes de nós, desapareceram três grupos! Adiante falaremos sobre esses grupos desaparecidos. Depois de ter feito o quarto grupo, $\theta\mu\kappa\omicron\theta\eta\kappa\tilde{\alpha}$ disse:

“Está dando muito trabalho recomeçar tudo de novo”.

E, dirigindo-se ao quarto grupo, que somos nós, ele complementou:

“Agora, eu os deixo em paz. Não vou mais castigá-los”.

Quarta parte: AS ANDANÇAS PELO MUNDO DE $\theta\mu\kappa\omicron\kappa\alpha\mu\eta\sigma\tilde{\alpha}$ BOREKA

Sabemos que $\theta\mu\kappa\omicron\kappa\alpha\mu\eta\sigma\tilde{\alpha}$ Boreka, o chefe dos Desana, e os próprios Desana, chamados $\theta\mu\kappa\omicron\kappa\alpha\mu\eta\sigma\tilde{\alpha}$, isto é, “Gente do Universo”, foram entrando no Rio Macucu. Nas cabeceiras desse rio, bem no centro da mata, construíram uma grande maloca. Pouco a pouco, foram se multiplicando e enchendo a grande maloca. Diante disso, Boreka decidiu dividi-los em grupos menores. Antes disso, Boreka quis ensinar e distribuir os seus poderes entre eles. A primeira coisa que ele repartiu foi o paricá ($w/h\tilde{o}$), também chamado $\alpha\beta\epsilon\gamma\epsilon\tilde{\nu}$, isto é, “Pênis da Lua”. O paricá mais forte que existe no mundo era esse dos $\theta\mu\kappa\omicron\kappa\alpha\mu\eta\sigma\tilde{\alpha}$. Para ser pajé é preciso cheirar o paricá, como fez Boreka, o maior pajé do mundo desde o início.

